

CULTURA AFRO-BRASILEIRA E INDÍGENA NO CONTEXTO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NAS ESCOLAS

Eliene Alves dos Santos, FEESU/FUPAC, elienealves1308@hotmail.com
Bill Robson Monteiro Lisboa, FEESU/FUPAC, billrobsonmg@hotmail.com

Resumo Expandido

A palavra estereótipos vem sendo utilizada de várias formas e em diversos contextos, mas será que realmente entendemos seu significado? De fato compreendemos o poder e impacto que esta palavra representa? O currículo “turístico” e de caráter eurocêntrico contribui para essa prática no âmbito escolar? Essas são reflexões que os/as profissionais da educação escolar devem (re)pensar em sua prática docente.

A uma visão simplificada de uma pessoa (ou de um grupo de pessoas) que constrói uma ideia negativa a respeito de outra pessoa (ou de um grupo de pessoas) seja pelo pertencimento étnico-racial, pela religião, pela classe social, pela opção sexual, pela idade etc. dessa outra pessoa. (SILVA, 1995, p.43).

Em outras palavras estereótipos é um adjetivo pejorativo, inflexível, que desqualifica, rotula uma pessoa ou grupo de pessoas, que geralmente vivem à margem da sociedade, essa prática gera preconceito e hostilidade. No contexto escolar faz-se necessário trazer à tona essas questões, pois é nesse cenário que nos deparamos com a diversidade cultural, religiosa dentre outras.

Outro aspecto levantado pelo Lisboa (2018) é sobre o currículo “turístico”, mais conhecido como o dia “D” que frequentemente é trabalhado em sala de aula sem contextualização ou conhecimento da história como, por exemplo, o dia 19 de abril como o dia do/a índio/a, (os indígenas ainda são vistos como selvagens, analfabetos) dia 20 de novembro como dia da consciência negra (a imagem do negro/a é remetida a sua força física, cabelos “ruins” ou mesmo marginais) ou ainda dia 8 de março como o dia internacional da mulher, (historicamente a mulher é compreendida como um ser inferior, incapaz pertencente ao patriarcado o que gera práticas de machismo e feminicídio).

Essas datas são trabalhadas isoladamente e em momentos específicos do ano letivo, não agregando conhecimento algum em relação suas culturas, lutas e trajetórias, ressaltamos ainda a supervalorização da cultura eurocêntrica, cultura essa que contribui para a não valorização da diversidade cultural existente no mundo todo. Essa desvalorização cultural implica no processo de autonegação dos/as negros/as à sua cultura, levando-os/as a se encaixarem nos padrões impostos pela sociedade.

Esse processo é destrutivo, pois o/a negro/a não vê na sua cultura como referência positiva, isso se dá, pois é bastante recorrente observar nas novelas e filmes o/a negro/a em papel de serviçal, isso acontece, pois historicamente a imagem dos/as negros/as é associada a escravidão e marginalidade.

Tais práticas reforçam, a falta de representatividade positiva dos/as negros/as nas esferas sociais contribui para que o/a negro/a se “molde” aos padrões estabelecidos para que se sintam de alguma forma inseridos/as no contexto social. Discussões, problemáticas e aprofundamento nas questões para a diversidade e o pluralismo são bem vindas e necessárias para que os/as alunos/as construam um pensamento crítico e reflexivo a respeito dos preconceitos e estigmas reproduzidos pela sociedade, implicando assim na política do silêncio por parte daqueles/as que sofreram ou sofrem alguma forma de estereótipos, causando sofrimento profundo e marcas de dor.

É preciso pensar em políticas públicas de conscientização e reparação histórica para aqueles/as que ao longo da história foram impactados negativamente pelos rótulos atribuídos a eles/as pela sociedade, as leis vigentes (Lei nº 10.639/2003 inclui a obrigatoriedade da temática da História e Cultura Afro-Brasileira nos currículos do ensino fundamental e médio em estabelecimentos públicos e particulares), e (Lei nº 11.645/2008 que altera a Lei nº 10.639/2003 para incluir o conteúdo relacionado à cultura indígena como obrigatório na educação básica nos níveis fundamental e médio) precisam de fato ser efetivadas no espaço escolar assegurando seus direitos que por tanto tempo lhes foram negados.

A escola está chamada a ser nos próximos anos, mais do que um lócus de apropriação do conhecimento socialmente relevante, o científico, um espaço de diálogo entre diferentes saberes-científico, social, escolar, etc. - e linguagens. De análise crítica, estímulo ao exercício da capacidade reflexiva e de uma visão plural e histórica do conhecimento, da ciência, da tecnologia e das diferentes linguagens. É no cruzamento, na interação, no reconhecimento da dimensão histórica e social do conhecimento que a escola está chamada a se situar. Neste sentido, toda a rigidez de que se reveste em geral a organização e a dinâmica pedagógica escolares, assim como o caráter monocultural da cultura escolar precisam ser fortemente questionados. Devem ser enfatizados a dinamicidade, a flexibilidade, a diversificação, as diferentes leituras de um mesmo fenômeno, as diversas formas de expressão, o debate e a construção de uma perspectiva crítica plural (CANDAUI, 2000, p. 14).

O papel do/a professor/a nesse sentido deve ser de desconstrução, desmistificação, contextualização e de reavaliação de sua prática pedagógica, para que a culturas Afro-Brasileira e Cultura Indígena sejam trabalhadas de forma ampla e diversificada, com metodologias que enriqueçam o conhecimento dos/as alunos/as, oportunizando outras visões de mundo, dando ressignificação aos conteúdos ministrados.

Diante de todas essas questões apresentadas, é tão imprescindível investir na formação inicial e continuada desses/as profissionais, para romper com a segregação e exclusão social. É importante ressaltar que essas mudanças não devem partir somente por parte do/a professor/a, mas de toda a escola, órgãos responsáveis pela educação, pela família e pela comunidade em geral contribuindo assim para uma sociedade inclusiva, humanizada, livre de preconceitos e estereótipos.

Palavras-Chave: Cultura Afro-Brasileira; Estereótipos Raciais; Cultura Eurocêntrica; Educação Escolar.

Referências

CANDAU, Vera Maria. **Reinventar a Escola**. Petrópolis: Vozes, 2000.

LISBOA, Bill Robson Monteiro. **Cultura Afro-Brasileira e Indígena: Estereótipos, Estigmas e (Des)Construções. 1n. XVI Semana Pedagógica “Educação Quilombola e seus Significados”**. Faculdade de Educação e Estudos Sociais de Uberlândia. 25 a 27 de Setembro de 2018. **Anais...** Uberlândia-MG.

SILVA, Ana Célia da. **A discriminação do negro no livro didático**. Salvador: CEAO, CED, 1995.